



DOI: <https://doi.org/10.26694/cadpetfilo.v15i30.6336>

DISCUTINDO A PARTILHA DO SENSÍVEL DE JACQUES RANCIÈRE COMO DISPOSITIVO DE CONTROLE DE INVISIBILIZAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE

Discussing Jacques Rancière's sharing of the sensible as a control device for making homosexuality invisible

Carlos Henrique Lopes Almeida¹
Janielson Ferreira da Silva²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo abordar o conceito de “partilha do sensível” esboçado pelo filósofo francês Jacques Rancière dentro de uma ótica de dispositivo de controle da homossexualidade, este conceito está relacionado a ideia de que a partilha do sensível possui uma crítica de Jacques Rancière com relação a ideia de uma estrutura social de Platão, que representa uma estrutura estática, uma estrutura engessada, que privilegia aquele que já se encontrou na sociedade. Esse conceito mais particular de partilha é apresentado e define, de certa forma quem aparece e que toma parte dos espaços, tempos e tipos de atividades de acordo com suas ocupações, o tempo e o espaço é quem vão determinar a maneira como um comum se presta a participação, assim como uns e outros também tomam parte nessa partilha. Nesse sentido, será abordado a maneira que essa partilha do sensível se apresenta e toma parte do sujeito homossexual na sociedade tendo em vista o modelo padrão e heteronormativo de comportamento que a sociedade impõe a todos que dela fazem parte.

Palavras-chave: Partilha do sensível; homossexualidade; tomar parte; estrutura.

ABSTRACT

This article aims to address the concept of “sharing of the sensitive” outlined by the French philosopher Jacques Rancière from the perspective of a control device for homosexuality, this concept is related to the idea that the sharing of the sensitive has a critique by Jacques Rancière in relation to Plato's idea of a social structure, which represents a static structure, a rigid structure, which privileges those who have already found themselves in society. This more particular concept of sharing is presented and defines, in a certain way, who appears and who takes part in the spaces, times and types of activities according to their occupations, time and space are the ones who will

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e bolsista do PET Filosofia UFPI. E-mail: lopesalmeidacarloshenrique@gmail.com

² Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e bolsista do PET Filosofia UFPI. Email: ferreirajanielson61@gmail.com



determine the way in which a common serves participation, as well as others also taking part in this sharing. In this sense, the way in which this sharing of the sensitive presents itself and takes part of the homosexual subject in society will be addressed, considering the standard and heteronormative model of behavior that society imposes on everyone who is part of it.

Keywords: Sharing of the sensitive; homosexuality; take part; structure.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como finalidade abordar o conceito de “partilha do sensível” esboçado pelo filósofo francês Jacques Rancière dentro de uma ótica de dispositivo de controle da homossexualidade, este conceito está relacionado a ideia de que a partilha do sensível possui uma crítica de Jacques Rancière com relação a ideia de uma estrutura social de Platão, que representa uma estrutura estática, uma estrutura engessada, que privilegia aquele que já se encontrou na sociedade. Dentro dessa perspectiva de uma estrutura social podemos pensar em como os grupos, as camadas menos desfavorecidas conseguem resistir a essa ordem, uma ordem que é elitizada a medida em que seus interesses pessoais são privilegiados, uma ordem social onde prevalece um padrão heteronormativo como modos operantes.

Podemos ainda pensar em como todas essas classes se articulam para não cair nas amarras desses dispositivos de controle que a sociedade impõe, em como é preciso tomar parte e reivindicar o seu lugar na sociedade enquanto cidadão e sujeito crítico ativo. Isto se faz uma tarefa e um movimento bastante complexo tendo em vista que reivindicar essa “parte” se torna uma luta desafiadora, pois, todos esses padrões de comportamentos são ensinados e repassados desde criança o que se torna ainda mais desafiador, quando se tem uma maioria que domina e que define o certo e o errado a ser seguido, aquele grupo que ousar sair dessas normas, já serão marginalizados e vários outros discursos opressores cairão sobre estes.

A partir disso, podemos encaixar o conceito de “partilha do sensível” como dispositivo de controle social. Nós temos um sensível, sensível que é partilhado por nós, só que agora podemos pensar, já dentro desse sensível, que existe uma parte “isolada” onde é destinada ao grupo X, outra ao grupo Y, e assim consecutivamente. Enfatizando que cada um pode sair desse lugar de onde foi designado previamente. Com isso muitos



questionamentos vão surgir ao nos depararmos com essa partilha do sensível enquanto essa ideia de estrutura segrega grupos sociais. Qual que é a parte que me cabe nessa partida do sensível, em como homem gay e negro?

Então, podemos trazer um outro ponto, também trabalhado por Jacques Rancière em sua obra “*O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual*”³ que seria a ideia do pedagogo embrutecido como alguém que pronuncia e discute um tipo de ideologia, que faz com que esse ou aquele grupo se firme e acredite que aquele lugar que ele pertence é um lugar que ele é destinado e que ele não pode sair de modo algum, não pode transitar entre outras vias porque surge aí uma ideia de ensinamento, um ensinamento que acaba se transformando em uma amarra social, uma alienação, onde aquele grupo se desloca da realidade e não consegue por si próprio se desmembrar dessa estrutura engessada, heteronormativa, manipuladora, opressora, homofóbica etc.

Antes de partirmos para o foco da partilha do sensível como dispositivo de controle social, se faz necessário entender de início, que toda a construção de corpos perpassa por um determinado processo, que possui em si, variados mecanismos de controle. O discurso é um mecanismo importante para que se dê origem ao corpo, compreender as questões do tipo: “como esse discurso produz esses corpos?”; “Como esses discursos se manifestam; e como eles conseguem produzir um certo controle sobre corpos homossexuais? Para além disso, podemos ainda pensar na questão de como esses mecanismos de controle acaba ocasionando uma estratificação na sociedade, dividindo em grupos e provocando ainda mais desigualdades no meio social. Este é o Norte pelo qual guiaremos essas análises de alguns discursos e também essa questão de um controle social por parte de uma classe dominante.

Discussões sobre padrões de comportamento e discussões sobre gênero sempre geraram vários questionamentos, principalmente no que diz respeito a quem pode definir uma certa conduta como mais correta, e o poder que tem o discurso sobre um grupo excluído. Se tratando de um sujeito homossexual a situação fica ainda mais complexa, tendo em vista o modelo patriarcal e tradicional que se mantém dentro da sociedade. Vários discursos restritivos começam a cair sobre esse sujeito quando ele decide se libertar daquilo que o prende, daquele espaço que já não lhe pertence mais.

³ RANCIÈRE, Jacques. *O Mestre Ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. 3.^a ed. Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.



Abrir mão desse espaço e dessa posição nem sempre é uma tarefa fácil, as vezes por pressão social o indivíduo se sujeita a muitas situações, talvez para ser aceito pela maioria, pela família ou até mesmo como um meio de resistência. Essa resistência se faz necessária à medida que a homofobia se faz cada vez mais presente no cotidiano de muitos, onde vai ser tornando uma prática cada vez mais recorrente.

Falar do espaço que um sujeito homossexual ocupa na sociedade é falar sobre luta e resistência. Não há como se ter forças para lutar contra um sistema que é opressor e que atropela todos os que dela são nomeados como “anormais”, “aberrações” e “abjeções”. É nesse sentido que tomar parte na sociedade é se lançar a todas as possibilidades possíveis, de reivindicar seu espaço de direito, de se expressar da sua maneira, e de partilhar tudo aquilo que tem vontade sem restrição alguma.

Sobre esses padrões de comportamentos heteronormativos que são tidos como modelos a serem seguidos, qualquer sujeito que pense em transitar por outros tipos, ou chegue a performar aquilo que seja diferente do que se espera, automaticamente a sociedade se voltará contra esse sujeito. Uma sensação de não pertencimento passará a permear o pensamento e em todas as instâncias da sua vida social e pessoal.

A exemplo disso como foi retratado o caso de Maine (18 anos), Maine era um garoto que caminhava com um abanar particular, como coloca Butler, muito feminino, um dia ele estava caminhando pela ponte e um grupo de garotos o pegaram e o atiraram da ponte, levando Maine a morte. Maine possuía seu jeito particular de caminhar, e isso foi suficiente para causar um ódio nos demais garotos simplesmente porque ele era diferente deles, tinha um traço feminino.

A PARTILHA DO SENSÍVEL

Jacques Rancière em seu livro " A partilha do sensível"⁴, discute os limites entre os conceitos de estética e política, que são importantes para entendermos o ponto central de seu pensamento nesta obra, e como estes conceitos perpassam a noção de um termo particular que ele chama de "partage du sensible". O raciocínio inicial como ponto de partida

⁴ RANCIÈRE J. *A partilha do Sensível: estética e política*. Tradução: Mônica Costa Netto. 2aEd, São Paulo; Editora 34, 2009. 72 p.



para o entendimento de todas as colocações de Rancière nesta obra, já havia sido estudado numa obra anterior intitulada " O desentendimento: política e filosofia", onde ele examina com mais rigor os aspectos iniciais das questões que vão definir as relações e os processos entre a estética e a política.

A partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce. Assim, ter essa ou aquela "ocupação" define competências ou incompetências para o comum, dotado de uma palavra comum etc. (Rancière, 2005, p. 16)

Esse conceito mais particular de partilha é apresentado e define, de certa forma quem aparece e que toma parte dos espaços, tempos e tipos de atividades de acordo com suas ocupações, o tempo e o espaço é quem vão determinar a maneira como um comum se presta a participação, assim como uns e outros também tomam parte nessa partilha.

O cidadão, diz Aristóteles, é quem toma parte no fato de governar e ser governado. Mas uma outra forma de partilha precede esse tomar parte. O animal falante, diz Aristóteles, é um animal político. Mas o escravo, se compreende a linguagem, não a 'possui'. Os artesãos, diz Platão, não podem participar das coisas comuns porque eles não têm tempo para se dedicar a outra coisa que não seja o trabalho. Eles não podem estar em outro lugar porque o trabalho não espera. A partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce. (Rancière, 2005, p. 15-16)

Colocado desta maneira, podemos pensar essa noção de exclusividade como sendo ao que impossibilita os sujeitos a desempenharem outra atividade que não seja aquela no qual foi designado a fazer. Esse recorte do sensível para a comunidade é que vai determinar as formas do que pode ser visto e da maneira como pode ser visto. O ponto principal para a compreensão da partilha do sensível, é a intersecção entre uma prática específica da percepção e da sua dependência implícita de situações ou objetos pré-estabelecidos considerados dignos dessa percepção.

Como exemplo, os artesãos, diz Platão⁵, não podem participar das coisas comuns

⁵ PLATÃO, *A república*. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1949.



porque eles não têm tempo para se dedicar a outra coisa que não seja o seu trabalho, logo eles não podem estar em outro lugar porque o trabalho não espera.

A partilha do sensível fala de quem pode tomar parte no comum tendo em vista aquilo que se faz, assim como do tempo e do espaço em que se exerce essa atividade. Assim, ter essa ou aquela ocupação iria definir as competências ou incompetências para o comum, define também o fato de ser ou não visível em um espaço comum. Platão destaca três maneiras a partir das quais práticas da palavra e do corpo propõem as figuras de uma comunidade. Identifica a superfície dos signos mudos: superfície dos signos que são como pinturas. Além de constituir o espaço do movimento dos corpos, que se divide por sua vez em dois modelos que são completamente antagônicos. De um lado, temos o movimento dos simulacros da cena, oferecido às identificações do público, e de outro, temos o movimento autêntico, o movimento que é próprio dos corpos comunitários. Três formas de partilha do sensível estruturando a maneira pela qual as artes podem ser percebidas e também pensadas como artes e como formas de inscrição do sentido da comunidade

DISPOSITIVOS DE CONTROLE

Podemos compreender melhor a noção de dispositivos com Foucault, que será muito importante para tecermos os limites em que o corpo é produzido por uma variedade de tipos de dispositivos, no qual ele mesmo assume a existência variada desses dispositivos e como esses discursos se expressão e se relacionam, a respeito disso Foucault afirma:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (Foucault, 2000, p. 244)

O DISCURSO

O discurso como dispositivo é a expressão daquilo que se pode chamar de limite de performatividade, todas as formas de expressão são forçadas a sanar algum tido de requisito exigido por um dispositivo, assim se faz compreensível a forma como a qual o dispositivo



se manifesta. Discursos produzidos que indagam a forma de ser de um sujeito carregam essas exigências, como por exemplo, pelo discurso ‘É homem ou mulher?’, que se interpela um pai, ou uma mãe, sobre um feto; é visível quais são esse dispositivo que agem sobre o sujeito exigindo uma existência antológica do indivíduo, antes mesmo de existir materialmente.

Posteriormente, entenderemos como a linguagem age de forma limitadora, produzido uma caixa de enigmas que não se solucionam por si só, mas que pelo contrário, aprisionam o indivíduo cada vez mais em um tipo específico e fechado de existência. Para isso, é necessário deixar claro que existe uma irrefutabilidade dessas marcas do ‘sexo’, essa marca do sexo que o aprisiona e o limita constantemente, que não é possível ser negada, e por isso se manifesta de forma que o indivíduo ao negar determinada marca acaba por escolher outra, não imediatamente, mas por meio desses mesmos discursos reguladores.

Sendo assim, a linguagem é uma ferramenta de comunicação que se desenvolve pela interação entre indivíduos, que se desenvolve e toma uma forma a partir da cultura de uma determinada sociedade que se constitui historicamente. Nesse sentido é conseqüentemente compreensível que determinadas culturas possuam suas formas de comunicação com linguagem e representações próprias. Para compreender a forma como a qual essa interação e criação de modos de repressão de alguns tipos de subjetividade, é necessário ter em mente que só é possível analisar uma determinada realidade, um recorte, ou uma cultura específica.

Para se ter uma melhor compreensão dessa abjeção e como se dá a sua construção sobre o corpo homossexual, é importante retomar alguns elementos já esboçados por Júlia Kristeva em seu texto, *Poderes do horror, ensaio sobre a abjeção*⁶, em seu texto, Júlia Kristeva define abjeção como sendo uma construção social, esse sentimento de abjeção é criado à medida em que algo me causa repulsa é algo que eu quero manter sempre longe de mim porque de alguma forma ameaça a minha integridade. Sempre que aparece esse sentimento de abjeção, automaticamente, já se cria um distanciamento entre esse corpo abjetado. Porém, esse distanciamento não é absoluto pois o tempo todo esse abjeto está ali para reafirmar esse sentimento.

Levando em consideração todos esses pontos enfatizados pela Júlia Kristeva,

⁶ KRISTEVA, Julia. *Powers of Horror. An essay on abjection*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1982.



podemos traçar alguns questionamentos sobre as implicações que o sentimento de abjeção causa a esse corpo homossexual. Adentrando mais ainda: como se dá a construção desse sentimento de objeção? Por que a homossexualidade é associada à essa ideia de abjeção?

Bom, para respondermos a esses questionamentos vamos antes fazer o movimento de tentar esclarecer como essa construção social influencia para que esse corpo homossexual caia na zona de abjeção. A partir do momento em que o indivíduo até então tido como "hétero" perante a sociedade começa a apresentar traços de feminilidade no seu modo de se comportar, automaticamente esse indivíduo cai em um esquema corporal que está intimamente ligado a ideia de: "*O que pode um corpo?*"

Por ser "hétero" espera-se dele que ele tenha um comportamento heteronormativo e não é permitido a ele sair desse padrão de comportamento, até então, antes por pertencer a um padrão considerado como "normal", esse indivíduo não sofria nenhuma das amarras dessa zona de objeção. Mas, quando esse mesmo indivíduo se assume homossexual a situação muda completamente. Aquele que antes era visto como um objeto (com materialidade) passa a ser um abjeto que não vai conseguir se materializar ao longo do tempo.

A partir daí esse indivíduo já passa a ser visto com outros olhares, um olhar de preconceito e de exclusão. A pressão social é tão grande ao ponto de fazer com que esse mesmo indivíduo ache que a culpa é sua, visto que ele é tido como uma ameaça à sociedade, a família e a integridade dos demais. Além disso, por toda essa pressão social que a abjeção causa, não podemos esquecer um ponto importante nesse esquema corporal: ele não se dá sobre um corpo já formado, pelo contrário ele forma esse corpo, esse esquema corporal diz respeito a um conjunto de fatores, de dispositivos que tem como objetivo realizar uma construção restritiva dos corpos.

Essa construção dos corpos ela é restritiva, pois ela delimita aquilo que o corpo pode ou não fazer, é uma determinação da identidade. Essa restrição, em certo modo, só reforça a ideia de abjeção dos corpos. Essas restrições estão ao tempo todo regulamentando as ações e decisões desses corpos. Já por dispositivos podemos incluir o discurso, instituições, ideais reguladores e tradições. Dentro da própria comunidade LGBTQIA+ essa ideia de restrição é muito presente pois, a medida em que se vê a necessidade de criar simbologias e novas nomenclaturas para incluir, automaticamente, já se cria uma restrição que delimita as ações



desse corpo. Há sempre essa ideia de ter de se criar novos códigos para que se possa ter aquela sensação de pertencer a algum grupo.

Essa restrição de corpo incorporará um viés de restrição. Esse esquema corporal forma corpos na mesma medida em que ele não se dá sobre um corpo formado, logo, a restrição desses corpos é a consequência de todo esse processo. Quebrar esses critérios dependendo da posição social de quem seja, será mais fácil para uns do que para outras pessoas. No caso dos homossexuais, quebrar com esses critérios se torna um desafio, pois estes já se encontram em uma posição de abjeção em relação aos outros corpos, pelo simples fato de sua homossexualidade ser uma forma de restrição dentro da sociedade.

A partir de toda essa discussão em torno da abjeção e seus efeitos dentro da comunidade LGBTQIAPN+, podemos concluir que essas amarras dos dispositivos de controle estarão sempre em evidência uma vez que atrelado à ideia de abjeto, esse indivíduo homossexual será visto como uma abjeção, que causa repulsa e ódios nos demais. Porém, essas amarras não devem ser vistas como uma barreira, pois escapar desses dispositivos de controle não é uma tarefa fácil, no entanto, ter conhecimento e entender como esses mecanismos se expressam através das suas próprias relações é um primeiro passo. Caberá a cada um pertencente a essa comunidade, driblar da melhor maneira possível tudo o que é imposto ao seu corpo, compreendendo de maneira teórica, como essas dinâmicas se desenvolvem, pôr em prática entendendo onde essas dinâmicas estão presentes, é uma forma de contornar, e resistir a toda opressão que possa ser imposta aos indivíduos dessa comunidade.

Pensar nesses sujeitos abjetos é pensar numa parcela da sociedade que é excluída e impedida de certa forma de se manifestar e assumir de forma autêntica seus traços, jeitos etc, tudo que foge do padrão se torna ameaçador ao modelo tradicional que opera na sociedade. O que se espera de um garoto é que ele se expresse, que ele se comporte como qualquer garoto da sua idade etc, por ser "hétero" espera-se dele que ele tenha um comportamento heteronormativo e não é permitido a ele sair desse padrão de comportamento, até então, antes por pertencer a um padrão considerado como "normal", esse indivíduo não sofria nenhuma das amarras dessa zona de abjeção. Mas, quando esse mesmo indivíduo se assume homossexual a situação muda completamente. Aquele que antes era visto como um objeto (com materialidade) passa a ser um abjeto que não vai conseguir se materializar ao longo do tempo. O abjeto designa precisamente aquelas zonas



“não-visíveis” e “inabitáveis” da vida social. Essa zona de inabitabilidade vai constituir o limite que circunscreve o limite do sujeito.

O discurso é um mecanismo importante para que se construa corpos dóceis e úteis, com isso há uma necessidade em compreender as questões do tipo: “como esses discursos produzem esses corpos?”; e como eles conseguem produzir um certo controle sobre corpos homossexuais? Para além disso, podemos ainda pensar na questão de como esses mecanismos de controle acaba ocasionando uma estratificação na sociedade, dividindo em grupos e provocando ainda mais invisibilidades no meio social. Este é o Norte pelo qual guiaremos essas análises de alguns discursos e também essa questão de um controle social por parte de uma classe dominante.

Discussões sobre padrões de comportamento e discussões sobre gênero sempre geraram vários questionamentos, principalmente no que diz respeito a quem pode definir uma certa conduta como mais correta. Se tratando de um sujeito homossexual a situação fica ainda mais complexa, tendo em vista o modelo patriarcal e tradicional que se mantém dentro da sociedade. Vários discursos restritivos começam a cair sobre esse sujeito quando ele decide se libertar daquilo que o prende, daquele espaço que já não lhe pertence mais.

Falar do espaço que um sujeito homossexual ocupa na sociedade é falar sobre luta e resistência. Não há como se ter forças para lutar contra um sistema que é opressor e que atropela todos os que dela são nomeados como “anormais”¹, “aberrações” e “abjeções”²⁷. É nesse sentido que tomar parte na sociedade é se lançar a todas as possibilidades possíveis, de reivindicar seu espaço de direito, de se expressar da sua maneira, e de partilhar aquilo que tem vontade sem restrição alguma.

Sobre esses padrões de comportamentos heteronormativos que são tidos como

¹ Determinadas relações de poder acabam produzindo discursos para a qualificação do “anormal”. Foucault elabora, principalmente em *Os Anormais* (2001), alguns estudos historiográficos relacionados a esse tema, onde identifica sujeitos que foram caracterizados como anormais, tais como criminosos, leprosos, homossexuais, e/ou qualquer indivíduo que se encaixasse dentro desta categoria. Sujeitos que eram constantemente punidos, corrigidos e violados, por serem considerados perigosos e ameaçadores para o restante do corpo social, tido como “normal”.

² A abjeção (em latim, *ab-jicere*) significa, literalmente, rejeitar, repudiar, expulsar e, portanto, pressupõe e produz um domínio de agência ou ação a partir do qual se estabelece a diferença. Aqui a ideia de rejeição evoca a noção psicanalítica de *Verwerfung*, que implica uma forclusão fundadora do sujeito e que, conseqüentemente, estabelece a fragilidade dessa fundação. Ver o texto sobre “forclusão” em Jean Laplanche e J.-B. Pontalis, *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967, pp. 163-167 [Ed. bras.: *Vocabulário da psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014]



modelos a serem seguidos, qualquer sujeito que pense em transitar por outros tipos, ou chegue a performar aquilo que seja diferente do que se espera, automaticamente a sociedade se voltará contra esse sujeito. Uma sensação de não pertencimento passará a permear o pensamento e em todas as instâncias da sua vida social e pessoal.

A exemplo disso como foi retratado no excerto do documentário "Examined Life" (Astra Taylor, 2008) o caso de Maine (18 anos), Maine era um garoto que caminhava com um abanar particular, como coloca Butler, muito feminino, um dia ele estava caminhando pela ponte e um grupo de garotos o pegaram e o atiraram da ponte, levando Maine a morte. Maine possuía seu jeito particular de caminhar, e isso foi suficiente para causar um ódio nos demais garotos simplesmente porque ele era diferente deles, tinha um traço feminino. Sobre essa questão, Butler⁸ enfatiza que:

Entretanto, a diferença sexual é sempre uma função de diferenças materiais que são, de alguma forma, marcadas e formadas por práticas discursivas. Ao mesmo tempo, alegar que diferenças sexuais são indissociáveis das demarcações discursivas não é o mesmo que afirmar que o discurso produz a diferença sexual. A categoria "sexo" é, desde o início, normativa; é o que Foucault chamou de "ideal regulatório" (Butler, 2019, p. 20).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a partilha do sensível como sendo esse mecanismo de controle onde, determina quem pode tomar parte no comum tendo em vista aquilo que se faz, assim como do tempo e do espaço em que se exerce essa atividade. Logo, pertencer a este ou aquele determinado grupo iria definir as competências ou incompetências para o comum, define também o fato de ser ou não visível em um espaço comum. Atrelada a essa ideia de visibilidade, aquele indivíduo que fuja dos padrões que a sociedade impõe como um padrão a ser seguido, uma questão de um ideal que prevalece. Esse indivíduo já começa a sofrer os mecanismos de controle de toda essa sua ação, pois, A partir daí esse indivíduo já passa a ser visto com outros olhares, um olhar de preconceito e de exclusão. A pressão social é tão grande ao ponto de fazer com que esse mesmo indivíduo ache que a culpa é sua, visto que ele é tido como uma ameaça à sociedade, a família e a integridade dos demais.

Sobre esse conceito de "partilha do sensível" como dispositivo de controle social,

⁸ BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"*. São Paulo: N-1, 2019.



nós temos um sensível, que é partilhado por nós, onde podemos pensar, já dentro desse sensível, que existe uma parte “isolada” onde é destinada ao grupo x, outra ao grupo y, e assim consecutivamente. Com isso, muitos questionamentos vão surgir ao nos depararmos com essa partilha do sensível, que diz respeito a ocupação desses sujeitos enquanto essa ideia de estrutura, ela segrega grupos sociais que são a minoria dentro da sociedade, nesse caso, aquele indivíduo que se assume homossexual diante aos padrões heteronormativos que predominam grande parte do meio social.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo: N-1, 2019.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **Os Anormais: Curso no Collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KRISTEVA, Julia. **Powers of Horror. An essay on abjection**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1982.
- LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, J.-B. **Vocabulaire de la psychanalyse**. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.
- PLATÃO. **A República**. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1949.
- RANCIÈRE J. **A partilha do Sensível: estética e política**. Tradução: Mônica Costa Netto. 2ªEd. São Paulo: Editora 34, 2009
- RANCIÈRE, Jacques. **O Mestre Ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual**. 3.ª ed. Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.